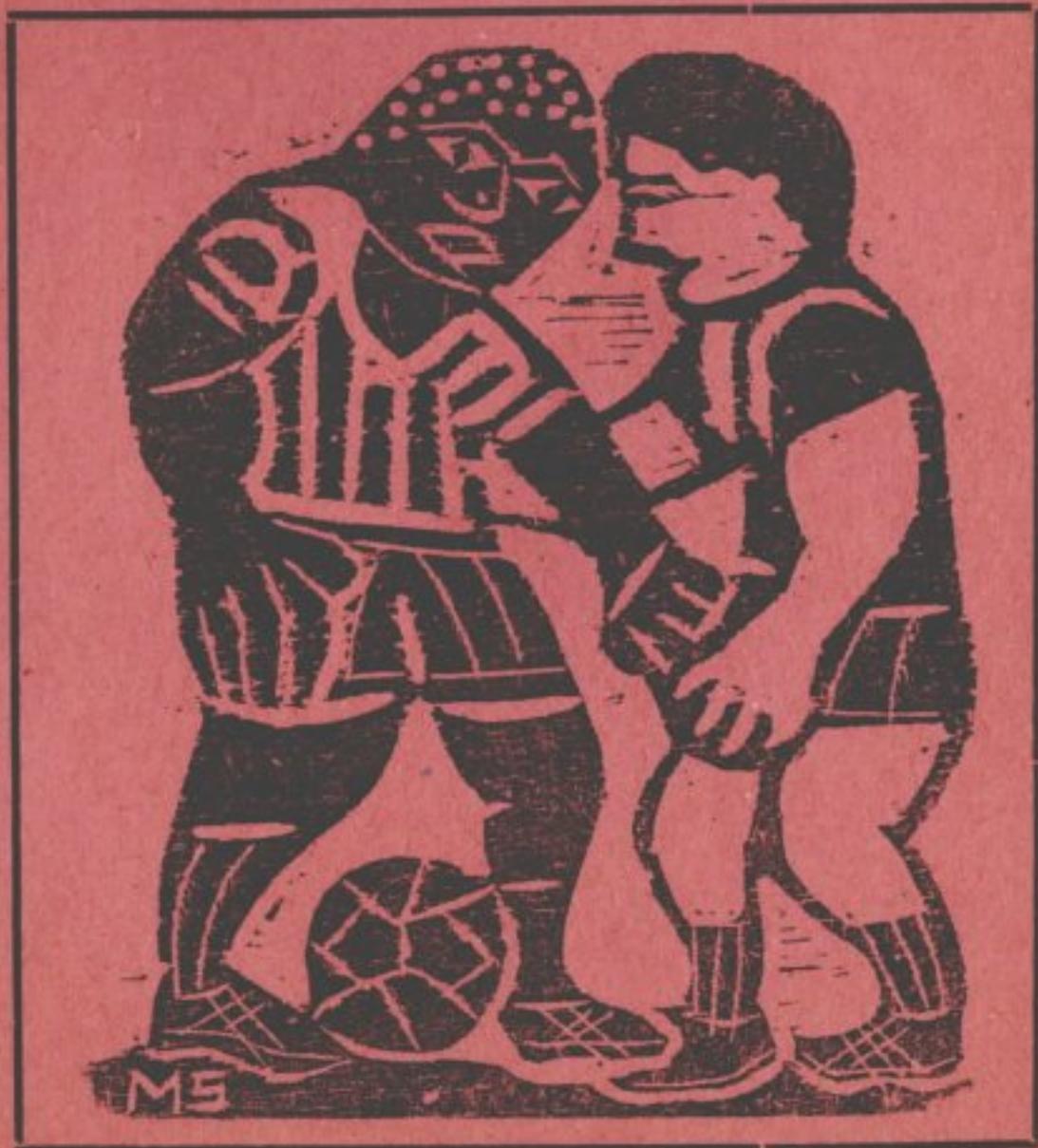


# FALECEU MANÉ GARRINCHA

## O FABRICANTE DE JOÃOS

Gonçalo Ferreira da Silva



Choram hoje criaturas  
Dos mais diferentes níveis,  
O homem das pernas tortas  
E dos dribles impossíveis,  
Mané Garrincha foi para  
O mundo dos invisíveis.

Ágil, arisco, audaz,  
Impeiuoso e afoito  
Somente ao amor fraterno  
Dava carinhoso coito  
E trouxe a primeira copa  
Pra nós em cinquenta e oito.

No entanto se Garrincha  
Não desejava morrer  
A verdade é que não tinha  
Nenhum prazer em viver  
Buscando, através do vício,  
Amenizar seu sofrer.

Vinte de janeiro, dia  
Do mártir Sebastião  
O mundo esportivo soube  
Com muita e justa emoção  
Que Garrincha se mudou  
Pra eterna habitação.

Alguém dizia de chofre  
Como quem nada entendeu,  
Sem medir a importância  
Do caso que aconteceu,  
Com ar de incredulidade:  
— Mané Garrincha morreu.

O analista vencido  
Indaga meditabundo:  
— De que parte do Universo  
É este craque oriundo?  
Pois faz coisas com a bola  
Jamais vistas neste mundo.

O homem que apresentou  
Estilo tão singular  
Que outro atleta no mundo  
Jamais o soube imitar  
Era a genialidade  
De um jogador sem par.

E duas copas das quais  
Guardamos emoções vivas  
Foram frutos, sobretudo,  
Das jogadas criativas  
Daquelas pernas de ouro  
Tortas, porém decisivas.

Seria infantilidade  
Procurar no mundo inteiro  
Jogador que se compare  
Ao fenomenal ponteiro  
O imorredouro orgulho  
Do futebol brasileiro.

Agora o grande ponteiro  
Desmaterializado  
Continua para o mundo  
Seu nome immortalizado  
Assim, carinhosamente,  
Eternamente lembrado.

Aplicava aos marcadores  
Todo tipo de artifício  
Tinha o vício de ser bom,  
Foi traído pelo vício  
Que sempre quis atirá-lo  
No mais cruel precipício.

Foi escravo voluntário  
De uma bondade pura  
E dirigia às crianças  
Um sorriso de ternura  
Mostrando o interior  
Grandeza da criatura...

Aliás tudo em Garrincha  
Teve um toque curioso  
O povo esqueceu ligeiro  
O seu tempo glorioso  
Porém foi, em sua morte,  
Puro, doce e carinhoso.

Aqui no Brasil jogou  
Nos times mais importantes  
Apresentando jogadas  
Incríveis, mirabolantes  
Humilhando os beques com  
Dribles desmoralizantes.

A vinte e oito de outubro  
De trinta e três, com certeza  
Nasceu Garrincha em Pau Grande  
Tendo a mamãe natureza  
Dotado seu filho amado  
De estupenda destreza.

Tudo que Garrincha foi  
Sem precisar de escola  
Tampouco de professor —  
Convencional bitola —  
Foi, inimitavelmente,  
No trato mágico da bola.

Sabemos que a morte existe  
Desde que o norte é norte,  
Mata o governo, o servente,  
Mata o fraco, mata o forte,  
Ninguém escapa à  
Implacabilidade da morte.

Garrincha nunca imitou  
Jamais gostou de bitola  
E seria um grande homem  
Sem precisar de escola  
Se fosse tão bom da bola  
Quanto jogador de bola.

Porém a nossa presença  
No mundo de provação  
Por si já é uma prova  
Da humana imperfeição  
Senão ninguém aceitava  
Tão cruel escravidão.

No ano de trinta e três  
Nosso Garrincha nasceu  
Na pobreza e no seio  
Dessa pobreza cresceu  
Agora em oitenta e três  
Pobre e honrado morreu.

Durante sua carreira  
Alcançou tanta vitória  
Que as escassas derrotas  
Nem ficaram na memória  
Pra não ofuscar o brilho  
De tão relumbante glória.

Os jornalistas batiam  
No próprio ombro exclamando  
Cheios de incredulidade:  
— Meu Deus, estarei sonhando?  
Porque não acreditavam  
No que estavam observando.

A morte — o esgotamento  
Dos nossos órgãos vitais —  
É a morte que ocorre  
Em conseqüências normais  
Mas a de Garrincha foi  
Precipitada demais.

Tenha a morte como causa  
A energia exaurida  
A morte por acidente,  
A morte do suicida  
São mortes, porque a morte  
É o ponto final da vida.

Ouvimos a sua própria  
Última família dizer  
Que Garrincha teria dito  
Dias antes de morrer  
Que aguardaria a morte  
Sem mais parar de beber.

Gestos e aplausos de  
Torcedores explosivos;  
Nunca os grandes jogadores  
De futebol, mortos, vivos  
Receberam tão humanos  
E justos adjetivos.

Como "O Demônio da Copa"  
Foi cognominado  
Em cinquenta e oito quando  
Nosso selecionado  
Trouxe pela vez primeira  
O caneco cobiçado.

Tinha ele à natureza  
Um amor puro e profundo  
Garrincha — alegria do povo  
Garrincha — encanto do mundo  
Garrincha — deus dos estádios  
"Doutro Planeta oriundo?".

Esse povo carinhoso  
Que com seus dribles vibrou  
Que também sentiu saudade  
Quando ele os campos deixou  
É o mesmo que na hora  
De sua morte chorou.

Quanto mais o tempo passa  
Mais o seu nome se expande  
E será daqui pra frente  
Sem ser preciso que eu mande  
Reconhecido por todos:  
São Garrincha do Pau Grande.

**FIM**

Cana, Augusto bebia  
Porém nunca entrou em cana,  
Bebia prudentemente  
Somente em fins de semana  
Sem comprometer em nada  
a vida cotidiana.

É que às vezes em palestra  
Antes de adormecer  
Nos carinhos que precedem  
O que o par pensa em fazer  
Escapolem certas coisas  
Até sem se perceber.

Pode ficar à vontade  
Gosto dos homens cortezes;  
As vezes nesta fazenda  
Não falta nada e às vezes  
Falta de tudo, até mesmo  
A pastagem para as reses.

Do poema FELISBERTO E CARMELITA  
CONTRA O ÓDIO E A VINGANÇA

DESTE AUTOR

Porém nunca entrou em capa  
Mostrando a interior  
"Doutro Planeta oriundo?"